

ROMANCEIRO DE UM MORTO VIVO

Linhares Filho

1. Reflexão do Porta-Voz

Eu que, sabendo a verdade,
fiz qual se não a soubesse,
mantendo, mas sem maldade,
todo o País numa prece,

como soltarei a bomba
ou o furo de reportagem?
Antes, da paz fosse a pomba
solta em minha voz e imagem.

Com voz grave e comovida
darei essa derradeira,
mortal notícia. De vida
eterna será a primeira.

Primeira, pois inaugura
um novo tempo. Do cume
da notícia de amargura
brilhará na Pátria um lume.

ROMANCEIRO DE UM MORTO VIVO

Língua: Fillo

1. Reflexão da Fala-Voz

2. Fala de Risoleta Neves

Renunciei por vós ao direito do pranto.
Fiel ao meu Brasil, fiel ao Companheiro,
anulei-me na dor de suportar o espanto.
Toda silêncio fui e digna por inteiro.

Eu soube ser mulher, soube ser brasileira.
À varanda que tanto ornamentou o amor,
vos peço calma agora, e seguireis a esteira,
depois, de quem vos deu de novo esse fervor.

Amai quem vos amou, ouvi-lhe a voz vibrante
nos vossos vendavais de infortúnio e de grita.
Pigmeus já não sereis, que ele, sendo um gigante,
conquistou para vós liberdade infinita.

3. Murmúrio do Coveiro "Mão de Onça"

Queria que eu tivesse
mão de anjo e não de onça,
para enganar, com uma prece
ou mágica, a morte sonsa.

Plantarei esta semente
cheio de dor e sem pressa,
mas como quem já pressente
ser realidade a promessa.

Demorarei meia hora
a plantar esta semente,
mas da treva feito aurora
surgirá meu Presidente.

Chora a colher de pedreiro
sobre as pedras desta cova.
Correrá daqui ligeiro
o rio de uma luz nova.

Minha mão deita o cimento,
massa com o pranto da massa
que inchará, como fermento
forte, a invadir toda a praça.

A velha mão já se cansa
de trabalhar com esta massa,
porém não cansa a esperança:
Tancredo enterra a desgraça.

4. Voz do Vento

Eu que agito o pavilhão,
vibrando nas festas, cedo,
não diviso no saguão
a figura de Tancredo.

Pergunto ao lábaro, ao povo,
à dúvida, ao grande medo:
Onde está o velho, o novo,
o são-joanense Tancredo?

Eu, testemunha dos males,
do coluio e do segredo;
eu que vim por serras, vales,
chego e não acho Tancredo.

Eu que exultei com a anistia
e que embalei, no degredo,
sonhos de democracia,
já não avisto Tancredo.

Eu que percorro este mundo
em volteios bruscos, leves,
sinto com pesar profundo
que falta Tancredo Neves.

Eu que vi o riso antigo
do menino ativo e ledô,
passo por sobre o jazigo
do eterno mito Tancredo.

Trautearei, por vales, montes,
entre bemóis, semibreves,
contando, a transpor mil pontes,
que morreu Tancredo Neves.

5. Um Diálogo nas Trevas

Tancredo foi a vítima escolhida para ser imolada em reparação dos pecados daqueles que não souberam administrar bem. — Mons. Mauro Herbster. O martírio de Tancredo. **O Povo**, Fortaleza, 25/abr./85.

- Eu não merecia isto.
- Sofreste pela Nação,
cujos chefes a Mefisto
deram o seu coração.

- Eu não merecia isto.
- Por crimes do alto escalão
padeceste, novo Cristo,
e por dias que virão.

- Eu não merecia isto.
- Pela paz de cada irmão
e contra um pútrido quisto
não foi teu martírio em vão.

- Eu não merecia isto.
- Mas fecunda é a negação:
de herói e mártir um misto
todos te proclamamão.

6. Uma Voz nas Trevas

Tuas sete cirurgias
são tuas sete palavras.
As sete chagas, as vias
em que teus decretos lavras.

Intervieste em nossa História
com as sete intervenções tuas.
Nume sobre a nossa escória,
para aboli-la, flutuas.

Deus do céu ata e desata,
unindo chammas de círios.
Três vezes sete, e eis a data
de dois íntimos martírios...

Pelos erros de vinte anos
sete feridas sofreste.
Para sarar desenganos,
teu próprio sangue escorreste.

Decerto predestinado
o teu discurso de eclipse,
em sete lances ditado,
com força de Apocalipse.

Sobre o alicerce do sete
se erguerá novo edifício.
Honrai, como vos compete,
essa ara do sacrifício.

Vós, que ficais, compreendei
as lições desse holocausto.
Da fonte, em São João del-Rei,
sorvei-as em grande hausto.

7. Mensagem de Tancredo Neves

Na última nau do Quinto Império
aportarei um dia aqui.
Mas, antes, dou-vos meu mistério
feito de quanto padeci.

Podeis em mim ver entrementes
D. Sebastião ou Rei Artur.
Hão de abundar meus descendentes:
Patriarca sou como o de Ur.

Amei meu povo até o sacrifício
na luta triunfal contra a opressão.
Todos uni, e espero que um propício
vento de paz percorra esta Nação.

Palavra e exemplo fui. A vida e a morte
no almo seio da Pátria agora ponho.
Morri para viver no anseio forte
de todos, eu que fui um grande Sonho.

Não temereis a dor, que a dor fecunda
a determinação do vosso anseio.
Parto, mas sentireis que vos inunda
a luz de minha voz em vosso meio.

Tendo Minas no sangue, ao povo dei
o que o Brasil pediu: semente em ferro
de uma ordem nova. Em meu São João del-Rei
plantam-me, e pelo céu em fluidos erro.

Deixo de corpo ser velho e sofrido
para me transformar em nuvem, pão:
palrarei sobre quem eu fiz unido,
e a fé sustentarei de cada irmão.